

Fazendo Cerâmica Hoje como Nossos Avós

Gohor hanja ũri ãg jóg si ag rikén



Oficina de cerâmica com os Kaingang na Bacia do Lago Guaíba, EMEF Porto Alegre.



Cacique Kaingang Valdomiro Xe Vergueiro, Comunidade Topê Póin

Os Kaingang e a cerâmica: aspectos etnohistóricos

A Tradição Arqueológica Taquara integra artefatos milenares relacionados diretamente aos ancestrais dos Kaingang e Xokleng (Jê Meridionais) contemporâneos. Os sítios arqueológicos Taquara são identificados por peças cerâmicas e obras de engenharia de terra: casas subterrâneas, galerias nas encostas dos morros, taipas, terraços de terra e pedra, montículos mortuários e cerimoniais. Especificamente na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba, encontram-se sítios associados as Tradição Umbu (+- 9.000 A.P); Tradição Humaitá (+- 6.600 A.P); Tradição Vieira (+- 1.800 A.P); Tradição Guarani (+- 1.800 A.P); Tradição Taquara (+- 1600 A.P). Estes dados são demonstrativos de que a região em que se assenta à cidade de Porto Alegre reúne territórios tradicionais indígenas há pelo menos 9.000 anos antes do presente.

Věsa kanhgág si ag mũj
fã ne tóg ve há tĩg, hũri,
ag nένũ hynhan fã ke
ẽnte. Kĩ ẽg to jákrén mĩr
tĩ ẽg kĩr xokleng, ag mĩ
mũj fã ja tĩg.

Kanhgág ag ăré tĩ
rănhrăj fã ke mru ẽn hă
ne ver mĩ ke tĩ: ĩn, kukrũ,
pénky, kar nένũ ũ ti...

Ēmă mág ki Kanhgág si
ag goj mág fyr mĩ mũj fã
tĩ ver, ve há tĩ. Ēg juke ag
mĩ mũj fã tĩ si ha tavĩ tĩ.

Representação de habitação produzida por jovem Kaingang no contexto do Projeto “Fazendo Cerâmica Hoje como Nossos Avós”. Em termos formais, assemelha-se às casas subterrâneas associadas à Tradição Arqueológica Taquara.

Kangkág Gohor han já tag hã vã tỹ vësa ãg jóg si ag han ja ãn ir ke nỹtĩ, ũri.

Iconografia de traços compridos (*rã téi*) e redondos (*rã ror*), expressando a fertilidade do encontro *Kamé-Kairukré*.

Gohor rá tag hã vã tỹ kanhgág rãnrãj rá tag hãvã tỹ rá ror kar rá téj. kamẽ kanhru krẽ tỹ jag mré mũ ti rá ki.

Padrão ungulado, recorrente nas peças de tradição arqueológica Taquara e produzidos pelos Kaingang durante as oficinas do Projeto “Fazendo Cerâmica Hoje como Nossos Avós”.

Ã vég nĩ ja tag tỹ kanhgág ag tag vãhã hynhan ja nỹtĩ. “Gohor han nĩ, ãg jóg si ag ir ke”.



Kaingang, a arte-cerâmica integra o repertório das práticas tradicionais deste povo indígena, embora nos dias atuais sua expressão esteja restrita ou mesmo ausente na maioria das comunidades. Este fato se deve em grande parte a contingência histórica vivenciada pelos Kaingang, que foram gradativamente perdendo o acesso aos espaços de várzea dos rios, onde os barros cerâmicos são mais abundantes, ficando restritos a áreas pequenas situadas próximas às florestas e cabeceiras das bacias hidrográficas. Esta condição sócio-ambiental e histórica acaba restringendo as possibilidades de expressão da cultura material, resultando em padrões de artesanato mais intensamente produzidos – como é o caso do artesanato de cipó – em detrimento de outros padrões que se tornam menos frequentes – como a cerâmica.

Kanhgág si ag hãré tỹ nénũ
hynhan fã ĩn kãme tỹ ver ũri ve
há tĩg, ag ũri ĩg mré mĩ mũ tũ ra,
tỹ ĩg jamã kaki ĩg jamã kãki ĩg
mỹ ve há tĩg.

Ũri hãré tỹ nénũ hynhan tag tỹ,
ĩg jóg si ag ĩg ju han vén ja nỹtĩ.
Hãra ĩg ne komẽr hã ĩg hãré
kren mũn goj rã, ĩg tỹ rãg rãj fã
ti.

Kỹ ũri kanhgág hár hãvã tỹ vãfy
nĩ, mrũr kar van hã tỹ ĩg vãfyg tĩ.

Kỹ Gohor ã ne tũ ke rã na.

Kar tãmĩ ĩmã ũ mĩ ke ĩn ag jákre
kóm, ĩg tỹ ga kar mĩ nỹtĩ tag kóm
jákre hãvã tỹ ĩg nẽn kãmi nénũ
‘kar ĩn hã ki karó nỹtĩ.



Oficinas de cerâmica: momentos de trabalho coletivo e acabamento das peças.

Como outras sociedades Jê, os Kaingang pensam o mundo organizado e dividido em duas metades cosmológicas, sociológicas, exogâmicas, assimétricas, complementares nas quais agrupam fenômenos da natureza, seres, coisas, idéias, conhecimentos, pessoas – a metade *Kamé* e a metade *Kairukré*. No pensamento Kaingang, a fertilidade do mundo depende da relação entre *Kamé* e *Kairukré*, relação que se desdobra, em termos mitológicos, na saga dos heróis *Kamé* e *Kairukré* que encenam a criação do mundo. A *Kamé* estão associados seres e coisas de formas alongadas, assim como os atributos de persistência, perfeição, duração; *Kairukré* relaciona-se à criação de seres e coisas de formas redondas, circulares, e aos atributos de iniciativa, pioneirismo, ao início das coisas. Na cultura material, o princípio do dualismo *Kamé* e *Kairukré* se traduz em peças artesanais definidas por traços de marca comprida (*rã téi*), associadas à metade *Kamé*, e a peças de traços redondos (*rã ror*), associadas à metade *Kairukré*.

Kar ãg rá ti kamẽ tỹ rátéj ju
kanhru krẽ tỹ rá ror nĩ.

Eg jákre tỹ kamẽ kanhru
krẽ tỹ ga mág kri jatun mỹ
mũj ke tag nĩ.

Kamẽ hãvã tỹ nénũ téj nĩ,
ju ser kanhru krẽ ne tỹ
nénũ ror mag nĩ.

Kamẽ ne tóg téj nĩ ken kỹ
tĩg mág tĩ.

Kanhru krẽ ne tóg ti ror nĩ
ken kỹ tỹ nénũ mur fã nĩ.

Kanhgág rãnh rãj fã rá tỹ,
kamẽ kar kanhru krẽ rá ri
ke nĩg, kanhgág vã fy rá ti.



Peças realizadas pelos Kaingang nas oficinas de cerâmica na EPA.

Apresentação

O projeto “Fazendo Cerâmica Hoje como Nossos Avós” concretiza o sonho Kaingang de fazer cerâmica em Porto Alegre. Fruto da parceria entre secretarias e departamentos municipais (SMDHSU, SMED, DMAE), consiste em oficinas de arte-cerâmica ministradas por professores e jovens artesãos estudantes da Escola Porto Alegre/EPA/SMED, dirigidas a crianças, jovens e adultos indígenas. Essas oficinas visam à valorização dos saberes, das técnicas e formas da cultura material Kaingang, em diálogo com os conhecimentos e técnicas acadêmicas. Contando com a assessoria antropológica do Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas/NPPPI/SMDHSU, esta política pública visa a sustentabilidade Kaingang a partir do resgate de sua relação com solos cerâmicos das várzeas dos rios, ambiente historicamente privilegiado em termos culturais e rituais para este povo indígena.

Os frutos

Além de promover a arte-cerâmica entre os Kaingang, ao longo do ano de 2007, o projeto “Fazendo Cerâmica Hoje como nossos Avós” possibilitou a qualificação de jovens artesãos estudantes da Escola Porto Alegre/EPA no exercício docente, valorizando a aplicação e socialização de saberes e técnicas em cerâmica. Assim, através do diálogo interétnico dos estudantes/monitores da EPA com os Kaingang, o projeto configura-se num espaço significativo às identidades em encontro. O projeto inclui também visitas ao acervo arqueológico e etnográfico de museus e a pesquisa de solos de potencial cerâmico na Racia do Lago Guaíba.

LISTA DE PRESENÇA

10º

PROJETO: FAZENDO CERÂMICA hoje com os novos alunos

Módulo: I

Data: 08/10/07

comunidade: Kungoy

DO MORRO
DO ASSO

MARRO

Local: escola Porto Alegre

Nome/IDADE/RÁ

- 1 Almiria do Santo ano 14 Rã Rór
 - 2 Senifer da Silva 12 RÃ TEJ
 - 3 Leonilde Vergueiro 23 ano Rã TEJ
 - 4 Valmar Vergueiro 19 ano Rã TEJ
 - 5 Maria Vergueiro 38 ano Rã Rór
 - 6 Janete Vergueiro 30 ano Rã Rór
 - 7 Luciana Forte 19 anos Rã TEJ
 - 8 JESSICA Rinto 9 anos Rã TEJ
 - 9 Maria Jangue 15 ano Rã Rór
 - 10 Sofia Jangue 24 ano Rã Rór
 - 11 Lidimara dos Santos 10 ANOS Rã Rór
 - 12 Brancilio dos Santos 45 ANOS Rã
- Monitor: Jackson e cassiana

Desdobramentos pedagógicos do Projeto

Sensibilização dos Kaingang com outros materiais e outras técnicas artesanais;

Qualificação técnica dos oficineiros/estudantes/monitores da EPA com vistas a sustentabilidade como artesãos credenciados.

Produção individual e coletiva do objeto cerâmico, nas formas artísticas, artesanais e utilitárias;

Mapeamento dos solos argilosos em espaços da Bacia do Lago Guaíba, com vista ao uso sustentável dos recursos naturais e a multiplicação das práticas em cerâmica entre os Kaingang.

Técnicas desenvolvidas

Estudo e valorização das técnicas indígenas de arte-cerâmica (estrutura, formas, pinturas e texturas) e aproximação com as práticas acadêmicas de modelagem.

Trabalho com modelagem em argila (utilitários e esculturas), proporcionando o uso das técnicas de placas, rolos, torno e moldes.

Trabalho com técnicas em torno mecânico; e aprendizado básico de queima do objeto cerâmico em forno elétrico.

Trabalho com técnicas de pintura: engobe (corantes e pigmentos naturais à base de argila), tintas vitrificadas e tintas frias;

A Cerâmica existe desde antes do Descobrimento do Brasil

Quando os brancos chegaram no Brasil, já existiam as fábricas de cerâmica indígena, locais onde nossos antepassados, homens e mulheres, faziam *kukrũg*/panelas, *iové*/pratos de barro. Nessa época, aqui não existiam as fábricas dos brancos, nem panelas de ferro, mas nós, índios, tínhamos nossas vasilhas onde cozinávamos e comíamos nossas comidas. Para fazer a cerâmica, os homens cavavam buracos bem fundos para buscar a argila boa, no fundo da terra, enquanto as mulheres amassavam o barro e faziam as vasilhas. Depois, os homens buscavam a lenha na mata e as mulheres faziam o fogo, para queimar as peças. Os dois, homens e mulheres, das duas marcas, *kamé* e *kairukré*, trabalhavam juntos. Para mim é uma grande alegria voltar a fazer os trabalhos com barro para meu próprio uso, como nossos avós faziam. Em todo o nosso território brasileiro, essa prática foi esquecida, e é uma alegria para nós, os Kaingang do sul, estarmos retomando e voltando a fazer a cerâmica e obter dela a nossa sustentabilidade.

Francisco Rokàg dos Santos



Glossário

Água: Goj

Amanhã: Vaj ká

Árvore: Ka

Barro de cerâmica: Gohor

Criança: Gir

Deus: Tupẽ

Flor: Kafej

Flor de Taquara: Vãn Kafej

Fogo: Pĩ

Fruta: Kakanẽ

Hoje: Ũri

Homem: Ũn-gré

Lua: kysã

Marca Comprida: Kamẽ

Marca Redonda: Kanhru krẽ

Mulher : Ũntětá

Ontem: Rãké tá

Pássaro Tesoura: Kẽvig

Pau: Ka

Prato: Pénky

Sol: Rã

Sal: Sa

Terra: Ga

Vento / Ar: Kãka

A Terra é nossa mãe: Gafi tỹ ěg mỹnh nĩ.

Vamos Resgatar a Cultura dos Velhos: mũnỹ ěg tũ si tavãn ke mãn'ja.

Agradecimentos: A todos que acreditam que as trocas culturais e o respeito às diferenças são importantes para a construção de um mundo mais solidário. Em especial a Direção da Escola Porto Alegre, nas pessoas de Márcia Gil Rosa e Maria Aparecida Cândido; a todos os trabalhadores da Escola envolvidos nesse projeto; aos membros da comunidade Kaingang do Morro do Osso que participaram das oficinas e aos jovens estudantes da EPA que atuaram como monitores: Cassiana Dorneles Pires, Jackson Barbosa e Paulo Gilberto Benitez de Oliveira que, juntos, viabilizaram o desenvolvimento das atividades. Particularmente agradecemos às Secretarias Municipais SMED, SMDHSU, através de seu Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas, e DMAE que em parceria e representados por Adriana Santos e Ana Elisa de Castro Freitas fizeram acontecer essa idéia.

Esta cartilha foi elaborada por: Adela Bálsamo, Carlos José Bertolazzi e Maria Aparecida da Costa Rodrigues. **Texto Os Kaingang e a cerâmica: aspectos etnohistóricos:** Ana Elisa de Castro Freitas e Luiz Fernando Caldas Fagundes. **Consultoria Antropológica:** Ana Elisa de Castro Freitas. **Tradução:** Francisco Rokàg dos Santos e Álvaro de Paula. **Arte de fundo e molduras:** Grafismo produzido por Francisco Rokàg dos Santos, em papel reciclado, utilizando pigmento cerâmico, representando o dualismo Kamé-Kairukré. **Fotos:** Carlos José Bertolazzi, Jackson Barbosa e Ana Elisa de Castro Freitas. **Arte Final e Diagramação:** Liane Matos e Carlos José Bertolazzi.



Secretarias Municipais:

**EDUCAÇÃO
DIREITOS
HUMANOS E
SEGURANÇA
URBANA**

**Prefeit
POI**

**Preservando
Construindo**